



COVID-19: VOZES PARA UM MUNDO FUTURO

Renato Salgado de Melo Oliveira¹¹ – Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba*
Allana Santos Nascimento¹² – Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba*
Ana Beatriz Oliveira Rodrigues¹³ – Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba*
Henzo Lopes Almeida¹⁴ – Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba*
Marcela Santos Silva¹⁵ – Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba*

Resumo:

O presente texto é resultado de três projetos de Iniciação Científica para o Ensino Médio desenvolvidos no Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba* durante o período de atividades remotas em decorrência da pandemia mundial da COVID-19. A proposta envolveu três alunas e um aluno interessados em debater as abordagens midiáticas, sejam elas especializadas em divulgação científica ou não, voltadas para o caso da pandemia. O primeiro projeto, “Ideias para o fim da normalidade: um debate sobre as perspectivas pós-COVID-19”, desenvolvido pela aluna Marcela Santos Silva, buscou identificar as concepções que surgiram ao redor do termo “novo-normal”, desde sua conotação a um passado perdido que precisava ser resgatado, até a possibilidade de uma nova relação do ser humano com a natureza. O segundo projeto, “Da Revolta da Vacina ao negacionismo da COVID-19: estratégias para a divulgação científica”, desenvolvido pela aluna Allana Santos Nascimento, buscou realizar uma análise comparativa entre a Revolta da Vacina (1904) e o movimento negacionista atual, tendo como metodologia os conceitos de “simetria e assimetria” (LATOURET, 2000). Por fim, o terceiro projeto, “O medo como potência política: um estudo comparado entre *A peste* de Camus e os discursos sobre a vacinação contra a COVID-19 no Brasil”, desenvolvido pela aluna Ana Beatriz Oliveira Rodrigues e pelo aluno Henzo Lopes Almeida, investigou o medo como afeto político capaz de mobilizar a população a tomar decisões e realizar escolhas durante a pandemia, seja por motivos negacionistas ou embasados em dados científicos. O primeiro e terceiro projetos utilizaram como metodologia a literatura comparada, buscando em fontes ficcionais deslocamentos de sentidos que poderiam proporcionar novos entendimentos para a realidade pandêmicas que vivemos.

Palavras-chave: Divulgação científica. Literatura. COVID-19.

Abstract:

This article results from three Scientific Initiation projects for High School developed in Instituto Federal Baiano, *Campus Itaberaba* during the period of remote activities due to the world pandemic of COVID-19. The proposal involved three female students and one male student interested in discussing the media approaches, whether specialized in scientific communication or not, focused on the case of the pandemic. The first project, "Ideas for the end of normality: a debate on the post-COVID-19 perspectives", developed by student Marcela Santos Silva, sought to identify the conceptions that emerged around the term "new-normal", from its connotation to a lost past that needed to be rescued, to the possibility of a new relationship between human beings and nature. The second project, "From the Vaccine Uprising to the denialism of COVID-19: strategies for scientific communication", developed

¹¹Desenvolveu toda a sua formação pela Unicamp (graduação em História, especialização em Jornalismo Científico, mestrado em Divulgação Científica e Cultural, doutorado em Teoria e História Literária, pós-doutorado pelo programa do Labjor/Unicamp), atualmente atua como docente de História pelo IF Baiano, *Campus Itaberaba*. E-mail: renato.oliveira@ifbaiano.edu.br

¹²Aluna do curso técnico em Agroindústria integrado ao Ensino Médio, bolsista do programa de Iniciação Científica. E-mail: allanasn23@gmail.com

¹³Aluna do curso técnico em Agroindústria integrado ao Ensino Médio, bolsista do programa de Iniciação Científica. E-mail: br978136@gmail.com

¹⁴Aluna do curso técnico em Agroindústria integrado ao Ensino Médio, bolsista do programa de Iniciação Científica. E-mail: henzo0073@gmail.com

¹⁵Aluno do curso técnico em Agroindústria integrado ao Ensino Médio, bolsista do programa de Iniciação Científica. E-mail: marcelasantos7777@gmail.com



by the student Allana Santos Nascimento, sought to conduct a comparative analysis between the Vaccine Uprising (1904) and the current denialist movement, using the concepts of "symmetry and asymmetry" (LATOURE, 2000) as methodology. Finally, the third project, "Fear as political power: a comparative study between Camus' *The plague* and the discourses about the vaccination against COVID-19 in Brazil", developed by the students Ana Beatriz Oliveira Rodrigues and Henzo Lopes Almeida, investigated fear as a political affection capable of mobilizing the population to make decisions and choices during the pandemic, either for negationist reasons or based on scientific data. The first and third projects used comparative literature as methodology, searching in fictional sources for displacements of meaning that could provide new understandings for the pandemic reality we live in.

Keywords: Scientific Communication. Literature. COVID-19.

1. Introdução

O presente texto traz, em resumo, as criações de três trabalhos de pesquisas desenvolvidos no Instituto Federal Baiano, *campus* Itaberaba, no âmbito da Iniciação Científica no Ensino Médio e no contexto da pandemia da COVID-19 (ao longo de 2021). Os trabalhos aqui apresentados são: "Ideias para o fim da normalidade: um debate sobre as perspectivas pós-COVID-19", desenvolvido pela aluna Marcela Santos Silva e financiado com bolsa PIBIC-EM/CNPq; "Da Revolta da Vacina ao negacionismo da COVID-19: estratégias para a divulgação científica", desenvolvido pela aluna Allana Santos Nascimento e, também, financiado com bolsa PIBIC-EM/CNPq; por fim, "O medo como potência política: um estudo comparado entre *A peste* de Camus e os discursos sobre a vacinação contra a COVID-19 no Brasil", desenvolvido pela aluna Ana Beatriz Oliveira Rodrigues e pelo aluno Henzo Lopes Almeida, financiado com bolsa PIBIC-EM/IF Baiano. Em cada um dos tópicos que seguem, vamos expor as principais questões e problematizações levantadas em cada uma dessas pesquisas.

2. Ideias para o fim da normalidade: um debate sobre as perspectivas pós-COVID-19

Na atual conjuntura mundial, todos se encontram imersos nas incertezas do hoje, que se tornou tão misterioso quanto o amanhã, devido às altas taxas de contaminação pelo vírus SARS-COV-2, mesmo que seus efeitos sejam minimizados pela vacina. Nesse viés, todos nós podemos nos imaginar como náufragos em uma ilha ainda desconhecida buscando respostas para entender a situação e conhecer nossas possibilidades de sobrevivência.

Nesse sentido, trazemos os personagens Robinson Crusoe e Sexta-Feira, do autor Daniel Defoe (2012), como representantes da experiência de serem náufragos, no caso deles, na ilha deserta de "Speranza". No trabalho de Defoe, Sexta-Feira emerge como um ser sem vontade e



apático, parte da própria paisagem natural que é a ilha, à espera de seu dominador, Crusoé. Este personagem que é, ao mesmo tempo, o intrépido explorador e a supremacia do projeto Iluminista sobre a desorganizada e passiva natureza. Experiência de naufrago que reafirma o projeto colonizador e imperialista, projeto que faz do futuro um “novo normal” que é repetição de uma utopia já dada, em busca de sua perfeição através da replicação sem transformação, mas em busca de um ideal já dado.

Projeto marcado por políticas conservadores, ou em seus aspectos mais atrevidos, reformistas. Política insuficiente para o futuro. Portanto, buscamos um outro Robinson Crusoé, também naufrago, mas agora o trazido por Michel Tournier (1985) em *Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico*. Na versão de Tournier, Crusoé encontra o fracasso de seu projeto Iluminista, o mundo surge como uma resistência a todo seu conhecimento europeu, de gente civilizada, a ilha existe para além do saber europeu, e resiste aos seus investimentos colonizadores. Sexta-Feira não é paisagem; nesta segunda versão, é um outro, nem mais natureza passiva, nem estrangeiro europeu, mas um outro mundo infinito, constituído de sentidos que estão para fora do imaginário colonizador. Robinson Crusoé é ainda o projeto científico e Iluminista de dominação, mas Sexta-Feira é o dionisíaco e transformado em contato e aprendizagem com o mundo, que implode (no livro trata-se de uma verdadeira explosão) a razão absoluta de Crusoé. Crusoé traz a imposição da vontade sobre o mundo, já Sexta-Feira, de Tournier, traz uma nova ecologia de reconhecimento das existências. Não se trata de um amor total e incondicional, mas de um reconhecimento do outro em sua integridade e na sua diferença. Há uma cena em que Sexta-Feira entra em um combate com Andoar, um bode que viva na ilha. Sexta-Feira deseja cavalgar o bode, mas reconhece em sua resistência não a barbaridade contra a civilização, mas a virtude da pulsão de vida. Durante a disputa, o bode se arremessa do penhasco, e Sexta-Feira sobrevive apenas pelo fato do corpo do imenso bode amortecer a sua queda. Andoar deseja voar, é a conclusão de Sexta-Feira, conclusão que revela uma interpretação do outro como vontade e desejos próprios. Andoar salvou a vida de Sexta-Feira, e por isso, Sexta-Feira deseja salvar a vida de Andoar, não mais a carnal, impossível agora, mas o desejo de voar como continuidade do vir-a-ser do bode.

Dessa forma, depreende-se que, apesar de velhos hábitos persistirem, novas possibilidades de futuro e de mudanças são importantes e necessárias para futuro da espécie humana com a natureza. Nessa perspectiva, é essencial que a noção atual de normalidade seja repensada, bem como o Crusoé de Tournier, que se reinventa na sua relação com a ilha, expandir



as noções de ecologia para além do restrito biológico, mas instituí-la em uma coexistência, em (co)relações interespecies (DOOREN; KIRSKEY; MÜNSTER, 2016).

Não apenas Crusoé pode nos inspirar a pensar o naufrágio pandêmico do nosso cotidiano, mas também Fernando Pessoa, no seu naufrágio do conto “O Marinheiro” (1986), problematiza uma questão comum ao desejo e ao futuro: as incertezas. Sonho e futuro se entrelaçam como desejo, deste modo, amplia-se definição de sonho, como propõe o ambientalista Krenak (2019):

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas. (KRENAK, 2019, p. 52-53).

Não um sonho-desejo colonizado pelos saberes europeus, pela psicanálise e seus conceitos, mas um sonho anterior à palavra, que se propõe como “metabolização” do que é sentido (afetos e percepções), e que dá acesso a um conhecer, um Kant impossível, viável ao se pensar o incerto do futuro, pois não se pretende apenas ao dado, mas ao vir a ser do ser, que torne impossível qualquer “normal” em benefício da proliferação contagiosa de diferenças.

3. Da Revolta da Vacina ao negacionismo da COVID-19: estratégias para a divulgação científica

Este projeto teve seu início diante do reflexo social que a pandemia do novo Coronavírus causou. Essa reação despertou em mim um olhar crítico para a maneira em que se constrói a ciência no Brasil e as dificuldades encontradas para aproximá-la da comunidade.

A decisão de utilizar a Revolta de 1904 não se baseou na busca por um simples parâmetro de comparação, principalmente por apresentar um contexto social e político que diverge do atual, mas pelo desenvolvimento dos conceitos de simetria e assimetria (LATOURETTE, 2000). O objetivo foi perceber como as diferenças históricas, sociais e tecnológicas geram assimetrias que não possibilitam uma comparação linear entre o negacionismo da COVID e a Revolta de 1904.



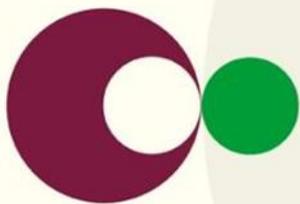
Em ambos contextos pandêmicos, as manifestações contra a ciência, além de se intensificarem, assumiram uma postura agressiva. Portanto, foi necessário construir uma base teórica que auxiliasse nessa análise e possibilitasse não reduzir esses acontecimentos sociais apenas à postura negacionista – foi necessário desconstruir a visão que reduz a agressividade negacionista a uma irracionalidade apenas, como se tal explicação fosse o suficiente para a compreensão dos casos.

Investimos na análise do “Tribunal da Razão” (LATOIR, 2000), assumindo, assim, que o suposto “desvio da racionalidade” (tese que afirma a irracionalidade), não é apenas um mal compreender, ou um desrespeito à razão. Para além disso, é provocado por diversos motivos sociais, culturais, históricos, epistemológicos e políticos. Latour propõe a suspensão do “Tribunal da razão” a fim de observar como é moldada essa rede de discursos negacionistas e, assim, ter uma leitura mais objetiva das motivações das pessoas que negam desde as informações mais básicas sobre o vírus até os meios eficazes de prevenção e tratamento.

Diante dessa nova perspectiva construída com os conceitos de simetria e assimetria, foi realizada uma análise ampla, baseada nas obras *Cidade Febril* de Sidney Chalhoub (2017), *A revolta da vacina* de Nicolau Sevcenko (2018) e *Os bestializados* de José Murilo de Carvalho (2019), do contexto social e dos acontecimentos que permeiam a revolta.

Inicialmente, é apresentado um cenário político bastante sugestivo. O Rio de Janeiro passava por um momento de reformulação urbana e social, tendo como referências a cidade de Paris. Essa reforma tinha o objetivo de “limpar” a cidade; com isso, pretendia-se também extinguir a grande parcela da sociedade que estava em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com a justificativa comum de heroísmo, um “ato de amor pela cidade e para sua evolução”, livrando-se do povo que “gerava ameaça a imagem da capital”. Essas reformas tinham como o objetivo o saneamento da capital brasileira, pois, nos diversos cortiços da cidade, em que o custo da moradia era exorbitante e levava a uma superlotação de pequenos cômodos, a varíola encontrava um ambiente favorável para a sua proliferação.

O presidente Rodrigues Alves tinha como um dos principais pilares do seu governo o controle de endemias e a constituição de uma política pública sanitária para a capital. Pensando nisso, a vacinação deveria ser feita a todo o custo. Sabe-se que a vacina é importante e não pode ser considerada opcional, levada como uma maneira de liberdade individual, pois funciona com mais eficácia ao atingir muitas pessoas. Contudo, os revoltosos não se opunham contra a vacina apenas, mas contra as condições de sua aplicação e a forma agressiva e autoritária que foi adotada pelo governo (CARVALHO, 2019), somado ao fato de que a estratégia de higienização



e reforma urbana da cidade (o ímpeto) não veio acompanhada de um programa de apoio às famílias que eram despejadas de suas moradias (a agonia), por meio do exercício da violência por parte das forças públicas (terror) (SEVCENKO, 2018). Como se não bastasse, havia a negação dos políticos da gravidade, o desacordo das estratégias sanitárias pelos médicos e conflitos internos entre os próprios cortiços (CHALHOUB, 2017).

Diferente do contexto atual, a população de 1904 não possuía meios de comunicação que abordassem com frequência o desenvolvimento da vacina, informações sobre a endemia e a evolução do controle da doença. Porém, concluímos que apenas o meio de comunicação por si não é eficiente, já que na pandemia atual, apesar de haver inúmeros veículos e meios de comunicação para a propagação do conhecimento, enfrenta-se uma série de problemas relacionados à divulgação de notícias falsas, métodos sem comprovação, teorias da conspiração e à negação da ciência. O problema não é apenas informar corretamente, mas atingir os complexos problemas que levam a rejeição de trabalhos comprovados e métodos responsáveis.

Diante disso, cabe discutir o que essa simplificação significa, pois nem sempre simplificar é o melhor caminho. A realidade atual é de crianças que já têm acesso a celulares desde muito pequenas, acostumam-se de forma simples a vivenciar o meio digital e logo estão absorvendo a praticidade que ele oferece. Em contrapartida, os responsáveis pelo seu desenvolvimento – pais, professores, e outros membros da sociedade –, muitas vezes, não tiveram a preparação para lidar com todas essas mudanças: não apenas em relação à tecnologia, mas também em relação à saúde emocional, buscando comprovar seus próprios meios pela Internet e desprezando qualquer conhecimento que venha a contrariar suas certezas iniciais.

A Revolta contou com o apoio de alguns políticos; todavia, essa assistência encobria relações de interesse. Os membros da Câmara que declararam apoio à população queriam usar o movimento como forma de alavancar sua popularidade e utilizá-los como instrumentos para alcançar seus objetivos políticos. Em contrapartida, no cenário pandêmico da COVID-19, o próprio governo vigente se posiciona contra a ciência, proferindo discursos negacionistas, atacando a produção científica e, além disso, recusando-se a investir em pesquisas para o controle da pandemia e para a compra e desenvolvimento de vacinas. Junto a isso, figuras públicas influenciam as pessoas a desrespeitarem o distanciamento social e constantemente desobedecem aos decretos de isolamento. Mobilizando, através do ódio, contra o velho espantinho do comunismo, agora chinês, que supostamente colocaria em risco todos os valores e tradições da classe média brasileira.



Faz-se necessário observar que a Revolta da Vacina não possui aspectos comuns com a resistência ao saber científico durante a pandemia da COVID-19. Pois, como demonstrado, a revolta não se deu meramente pela vacina, e sim pelas condições em que se encontravam a população e os caminhos que as autoridades ofereciam a ela. Foi um movimento de resistência à opressão e ao descaso governamental. Enquanto no presente momento, observamos uma polarização política que incide não na defesa de direitos sociais básicos, mas na disputa por narrativas políticas a respeito dos elementos conservadores e tradicionalistas da família brasileira.

Por fim, conclui-se que enxergar o negacionismo como uma mera manifestação de ignorância impede que ele seja enfrentado de forma efetiva e que sejam traçadas maneiras mais eficazes de divulgar a ciência e fazê-la alcançar toda a comunidade em busca de um benefício comum.

4. O medo como potência política: um estudo comparado entre *A peste* de Camus e os discursos sobre a vacinação contra a COVID-19 no Brasil

O livro *A Peste* (CAMUS, 2017), do escritor franco-argelino Albert Camus, foi publicado no ano de 1947 e fala sobre como a vida de uma cidade pequena da costa argelina. Essa cidade, movida pelo comércio, na década de 1940, se tornou um caos após milhares de ratos começarem a surgir do subterrâneo e morrer, contaminados por pulgas que transmitiram a doença, também, para as pessoas. Nesse viés, a obra retrata a vida da cidade de Orã durante a epidemia da peste. O personagem principal do romance é o médico Rieux, que combate a doença até o momento que ela se dissipa, depois de muitas mortes. A crônica é dividida em 5 partes, e nelas serão desenvolvidos os estágios da doença que vão desde a sua descoberta até a sua remissão.

Por meio desta obra ficcional podemos debater as situações vivenciadas por esses personagens em diálogo com o que a população vivenciou, e vem vivenciando, com a atual pandemia da COVID-19.

O medo apresentado como potência política, ponto de partida do presente artigo, é percebido em ambas as realidades – tanto na fictícia ilustrada pela literatura, quanto pela vida real – sendo que propomos pensar o “afeto-medo” como uma imagem política e estética. Inspirados pelo filósofo francês Rancière (2009), propomos uma leitura a partir do conceito de *partilha do sensível*: como as diferentes partes de uma sociedade conseguem sentir e lidar, cada



uma a seu modo, com dado acontecimento ou situação, por exemplo a própria pandemia, que mobiliza diferentes narrativas que constituem diferentes sentidos sociais e compartilhados (a da pessoa que teve parentes vitimados, da pessoa que perdeu emprego, do empresário que tem seus negócios limitados ou mesmo falido, dos profissionais da saúde exaustos...).

Apesar de diferentes, essas narrativas compõe uma experiência em comum, a da pandemia, e todas elas, apesar de suas diferenças e contradições, são inseparáveis. É através de comum heterogêneo que se constitui a experiência política (os sentidos em disputa) e estética (as narrativas que criam imagens do acontecimento).

A partir desse conceito, é notório que a partilha do sensível cria um comum e os diferentes, na experiência do existir. Um ponto em que podemos exemplificar a construção de diferenças e de comuns é o discurso que se repetiu ao longo da pandemia de: “como fechar os negócios que geram renda para viver empregados e patrões?”. Essa questão trouxe o problema de resistência e sobrevivência dos pequenos negócios, afirmando a centralidade deles na manutenção da vida; por outro lado, de modo paradoxal, também torna evidente a centralidade do trabalhado no sistema produtivo: adoecido, o trabalhador não pode exercer sua função e, para não adoecer, ele precisa não exercer sua função, de modo que a manutenção do pequeno negócio se mantém prejudicada nos dois cenários, carecendo de um Estado de Direito que atue para amenizar a condição. Dito isso, em um momento delicado e único, no qual perpetua uma grande incerteza e medo, observa-se que sempre existirá partilhas sociais que mobilizam a sociedade, pautados pelo interesse em torno dos acontecimentos.

Assim como em *A peste* (CAMUS, 2017), a pandemia nos forçou a lidar com os extremos, como o semelhante e o diferente, o mobilizar e o paralisar diante de situações atípicas. Para além de explicitar como as doenças revelam o melhor e o pior lado de cada um, Camus aponta como a experiência-limite faz parte do vir-a-existir da vida, tornando-se pontos de possível transformação e ressignificação, de experiências anteriores, muitas delas limites, como a guerra. Para fora da essência de uma existência dada de si a se revelar, podemos entender, em *Orã* de Camus e no Brasil da COVID-19, o medo como elemento que abrem espaços para um vir-a-ser da vida, pelas suas necessidades, desejos e contingências, fazendo da fantasia e do real aspectos fatais e potentes da experiência da vida.

Portanto, pudemos, ao perceber em Camus a dinâmica do afeto do medo, estabelecer um diálogo entre a “Partilha do Sensível” e o “Medo líquido” de Zygmunt Bauman (2008). Apontamos as relações entre o que os afetos dão a ver ou não ver, a e sentir ou não, através das imagens discursivas criadas, estão ligadas a como o medo se torna capaz de agenciar as atitudes



dos indivíduos. O medo de adoecer, estabelece, assim, um comum entre partes, que também é um posicionamento político, seja o medo de adoecer pelo vírus (COVID-19), ou o medo do adoecimento social e das tradições (negacionismo). Tomar consciência desses agenciamentos e transformá-los em dispositivos políticos intencionais é uma das estratégias política nos tempos líquidos (BAUMAN, 2008). Organizar a distribuição do medo e a sua intensidade (uma economia do medo) é fundamental para acionar as partilhas do sensível, desmobilizando a autonomia da produção do que é sentido e percebido. Reduzir o medo através do menosprezo ao perigo da doença, aclamar por soluções supostamente eficazes (mesmo que comprovadamente inúteis) e desprezar a vacina, imputando dúvidas sobre a eficácia e a honestidade dos cientistas envolvidos, são formas de agenciar as partilhas do comum. Afinal, dentro do regime democrático, o comum elegível se torna a massa crítica necessária para qualquer projeto de poder.

O livro explicita bem a ideia de que o indivíduo nunca é uma ilha, visto que a dimensão individual é sempre um imediato político. As formas de subjetivação são ligadas aos sujeitos, de modo que a experiência humana não precede um sentido anterior ao vir-a-ser da vida, e a vida porta uma dimensão histórica e sociológica. Podemos elencar como exemplo o personagem Tarrou, que se mobilizou para fazer algo para ajudar a população – não por um altruísmo essencial, mas por uma experiência radical da *peste* (tomada em várias formas, como a guerra), que se tornou ao mesmo tempo o seu grande inimigo e seu grande trapaceiro. Durante a guerra, Tarrou levou tantos jovens à morte para evitar a morte, que em Orã tem a sua última batalha, da qual seus esforços não são o protagonismo do fim do surto, mas apenas mais uma expressão de potência de vida. Cottard, por outro lado, utilizou o momento de fragilidade da população para benefício próprio. Não por uma maldade essencial, mas por encontrar na quarentena a suspensão dos códigos sociais e legais que o tornaram parte da escória. Uma vez suspensa a lei, instaura-se uma espécie de tempo invertido, um carnaval, em que o personagem pode manter sua fantasia de *bon-vivant*.

5. Conclusão

Estas três pesquisas tinham como principal objetivo problematizar o trabalho de Divulgação Científica, pois não acreditamos no trabalho de comunicação como solução, mas sim como um lugar importante em que se dá os entendimentos e desentendimentos funcionais nas articulações políticas, dos saberes e fazeres e no exercício da cidadania. Entendemos que a



comunicação não visa à produção de um homogêneo, a organização do interesse coletivo em uma única direção. Pensamos nela mais como uma forma de ecologia, de encontro de diferentes espécies em trânsito significando, ressignificando e sendo significada em contato com os diversos seres. Como conclusão, apontamos que não há uma necessidade de buscar uma linguagem mais simples, de gráficos mais explicativos, ou de expansão das redes de comunicação – precisamos sim de pesquisas contínuas nos campos das artes, sociologia, história, literatura, psicologia, entre tantos, que busquem ampliar os espaços entre diferentes como meios de circulação e transformação das informações.

Referências

BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

CAMUS, A. *A peste*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

CARVALHO, J. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DEFOE, D. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Penguin, 2012.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PESSOA, F. O Marinheiro. In: PESSOA, F. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SEVCENKO, N. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

TOURNIER, M. *Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico*. Trad. Fernanda Botelho. São Paulo: Difel, 1985.

van DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom*, Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, p.39-66, Dez. 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>.